

RUA TASSO MAGALHÃES

Decreto nº 3281 de 18-10-1968

Formada pela rua 1 do Jardim Sorirama

Início na rua Hugo Gallo

Término na rua Hugo Gallo

Jardim Sorirama

Distrito de Souza

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

## RUA TASSO MAGALHÃES

Decreto nº 3707 de 15-10-1970

Formada pela rua 1 do Jardim Madalena

Início na rua Professor Ary Monteiro Galvão

Término na avenida Carlos Grimaldi

Jardim Madalena

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Orestes Quércia. Protocolado nº 21.119/70 em nome de Chefe de Gabinete do Sr. Prefeito Municipal.

## TASSO MAGALHÃES

Tasso de Magalhães nasceu em Campinas em 18-outubro-1887 e faleceu em Campinas em 17-agosto-1968. Era filho do dr. Pedro de Magalhães e de Guiomar de Magalhães. Foi casado com Alzira Gama de Magalhães de cujo consórcio teve três filhos: Laurillo Tasso, Alzirilla e Zurillo. Em segundas núpcias foi casado com Maria de Almeida Magalhães, sem descendentes. Tasso de Magalhães nasceu num prédio no Largo de Santa Cruz, e após os estudos realizados, em 15-abril-1906 ingressou no jornalismo no "Correio de Campinas" como reporter de polícia, quando esse jornal era redatoriado por Joaquim Ulisses Sarmiento e José Villagelin Junior. Com o tempo acumulou essas funções a de revisor. Em 1907, transferiu residência para Botucatu, onde de 1907 a 1910 foi o correspondente do "Comércio de Campinas" de Henrique de Barcelos. Em 1911, foi residir em Jaú, ali sendo negociante e mais tarde, fundador e único proprietário do "Jaú Moderno", que dirigiu até 1914, quando passou a chefia a fôlha "O Povo". Somente em 1913 retornou para sua cidade, inbressando no funcionalismo público, como escriturário da repartição de obras. Em 1916 ingressou no "Diário do Povo", à cuja frente se encontrava Alvaro Ribeiro. Com este, se manteve Tasso até a Revolução de Isidoro Dias Lopes, em 1924, e administrando Alvaro Ribeiro a cidade naqueles dias agitados, coube a Tasso de Magalhães secretariar o governo municipal. Tendo sido ambos processados como revolucionários, tiveram que exilar-se no estrangeiro, para se furtar à prisão, retornando a Campinas somente após impronunciados pela Justiça. Como companheiro de Alvaro Ribeiro, Tasso participou da fundação do "Correio Popular", em 1927, que deixou quando da Revolução de 1932. Em 1933 fundou o "Jornal de Hoje", que dirigiu até julho de 1934, fundando depois, o semanário "Folha do Comércio". Foi ainda diretor da primeira sucursal de "A Gazeta" em Campinas, ao lado de Alberto Sarmiento Rodrigues, Maria de Almeida e Ferdinando Panatoni. Eleito, foi vereador à Câmara Municipal de Campinas na legislatura de 1948 a 1951, ocupando a Secretaria do Legislativo. Foi ainda Sub-Prefeito do Distrito de Souza's em três gestões, muito realizando em prol daquela localidade. Diariamente mandava noticiário de Souza's, aos jornais de Campinas. Foi diretor dos Socorros Mútuos e alto funcionário do Banco Segurança S/A. Colaborou em revistas do Rio e de São Paulo.



**DECRETO N.º 3281 DE 18 DE OUTUBRO DE 1968**  
**Dá o nome de "Tasso Magalhães" a uma rua do**  
**distrito de Sousas.**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições do seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25, da Lei n.º 9342, de 19 de setembro de 1967 (Lei Orgânica dos Municípios),

**DECRETA :**

Artigo 1.º — Fica denominada "TASSO MAGALHÃES" a via no distrito de Sousas que tem início na Rua 2 do Loteamento "Jardim Sorirama", é formada pela Rua 1 do mesmo loteamento e tem seu término na mesma rua 2.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 18 de outubro de 1968.

**RUY HELLMESTER NOVAES** — Prefeito de Campinas.

**DR. JOSÉ LEITE CARVALHAES** — Secretário dos Negócios Jurídicos.

Publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

**DR. SALVADOR SCARPELLI** — Chefe do Gabinete.

RUA TASSO MAGALHÃES



**DECRETO N.º 3707, DE 15 DE OUTUBRO DE 1970.**

**Denomina "Tasso Magalhães" uma rua da Cidade de Campinas.**

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o Item XIX do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

**D E C R E T A**

Artigo 1.º — Fica denominada "TASSO MAGALHÃES", a Rua 1, do Jardim Madalena, com início na rua 4 do mesmo Jardim e término na Avenida 1.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 15 de Outubro de 1970.

TASSO MAGALHÃES

# FALECEU EM CAMPINAS

## ANTIGO JORNALISTA



Repercutiu dolorosamente nesta cidade, ontem logo as primeiras horas da manhã, o trespasse do jornalista campineiro, Tasso Magalhães, enfermo há mais de três anos, vitimado por uma arterioesclerose cerebral.

Tasso, natural de Campinas, onde nasceu no dia 18 de Outubro de 1887 num prédio que ainda existe, no Largo de Santa Cruz, iniciou a sua vida jornalística no "Correio de Campinas" como repórter de polícia, quando redatoriado por Joaquim Ulisses Sarmento e José Vilagelim Junior.

Menino ainda, frequentou as aulas do primeiro Grupo Escolar, situado na rua São Carlos, hoje, Avenida Moraes Sales, e que tinha como diretor, o professor Christiano Wolkart, e vice, o sr. Artur Raggio Nobrega.

Mais tarde em 1902 ingressou no curso secundário do Ginásio de Campinas, quando diretor, o dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio, até o quarto ano daquele estabelecimento de ensino.

No ardor de sua mocidade, Tasso, transferiu a sua residência para Jaú, neste Estado, ali sendo negociante, e mais tarde, fundador e unico proprietário do "Jaú Moderno".

Consociou-se naquela cidade, com a veneranda senhora Alzira Gama Magalhães, de tradicional família jauense, ali nascendo os seus tres unicos filhos Alznila e Laurilo Tasso, casados e aqui residentes, e Zurilo, falecido.

Somente em 1913, retornou para a sua cidade, ingressando no funcionalismo publico municipal, quando prefeito o dr. Heitor Teixeira Penteado, como escrivão da repartição de obras, que na ocasião, era superintendida pelos drs. Acrisio Pais Cruz, e Valadão de Freitas.

Amigo íntimo de Alvaro Ribeiro e Antonio Franco



Cardoso, em 1917, ingressou como redator secretario do "Diário do Povo" ao lado de Benedito Florencio, Lino Guedes, Homero Sousa, Camargo, Oscar de Moraes, e Alberto Sarmento Rodrigues.

Em 1924, por ocasião da revolução de São Paulo, liderada por Isidoro Dias Lopes, e Tenente João Cabanas, este, campineiro e outros, Tasso Magalhães, tomou parte ativa, ao lado de Alvaro Ribeiro, que foi o governador da cidade, e de Pedro Magalhães Junior, seu irmão, que exerceu o cargo de Delegado Regional de Polícia.

Mais tarde, depois da Revolução de 1932, Tasso Magalhães, voltou novamente à atividade da imprensa, fundando o "Jornal de Hoje" e a "Folha do Comércio" este, semanário, que tiveram pouca duração, ocupando o cargo de redator secretario, do primeiro matutino o nosso companheiro de redação João Rodrigues Serra. O enterro do estimado jornalista conterrâneo, que sempre defendeu os interesses do povo será hoje, às 9 horas, saindo o corpo do necrotério da Casa de Saude Campinas.



## NO GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS  
NO NOTICIARIO DO "CORREIO POPULAR"

No dia 8 de junho de 1947, entre outras noticias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

### APOSENTOU-SE O VELHO JORNALISTA TASSO MAGALHAES

Após 41 anos de atividades, acaba de se aposentar o destacado e popular jornalista campineiro, Tasso Magalhães, que atualmente dirigia em nossa cidade a sucursal da "Gazeta" de São Paulo. Remanescente com o nosso amigo Homero Camargo da imprensa do alvorecer do século, Tasso Magalhães ingressou no jornalismo pela redação do "Correio de Campinas", quando redatoriado por Joaquim Ulisses Sarmento, precisamente em 15 de abril de 1906, acumulando a função de repórter com a de revisor. Dois anos após, deixando Campinas para residir em Botucatu, nesta cidade passou o jovem Tasso a ser correspondente do "Comércio de Campinas" de Henrique de Barcelos, entre os anos de 1907 a 1910. Transferindo-se em 1911 para Jaú, fundou ali juntamente com o dr. Mateus Chaves Neto o "Jaú Moderno", que dirigiu até 1914, quando passou a chefiar a fôlha "O Povo". Em Campinas, novamente, em 1916, ingressou Tasso Magalhães no "Diário do Povo", à cuja frente se encontrava Alvaro Ribeiro. Com o famoso tribuno, se manteve o Tasso até a Revolução do Isidoro Dias Lopes, em 1924, e administrando Alvaro Ribeiro a cidade naqueles dias agitados, coube ao Tasso Magalhães secretariar o governo municipal. Tendo sido ambos processados como revolucionários, tiveram que exilar-se no estrangeiro, para se furtar à prisão, retornando a Campinas tão somente após impronunciados pela Justiça. Como companheiro de Alvaro Ribeiro, Tasso Magalhães participou da fundação do "Correio Popular", em 1927, que deixou quando da Revolução de 32. Em 1933 fundou o "Jornal de Hoje", que dirigiu até julho de 1934.

MARIANO, O VELHO



N 11-10-1887 17-8-1968

**TASSO DE MAGALHÃES** na  
 — Aos 80 anos de idade, faleceu ontem o jornalista sr. Tasso de Magalhães, natural desta cidade e filho dos finados, dr. Pedro de Magalhães e de dona Guilomar de Magalhães. O extinto foi secretário do "Correio Popular", junto do sr. Alvaro Ribeiro, fundador do "Jornal de Hoje", desta cidade; ex-diretor da sucursal de "A Gazeta", local; ex-diretor do Banco Segurança, local; sub-prefeito em Sousa e vereador em Campinas. O falecido era casado em primeiras nupcias com dona Alzira Gama de Magalhães, de cujo matrimônio deiza os seguintes filhos: dr. Laurillo Tasso de Magalhães, casado com dona Zilé Pupo de Magalhães; dona Alzirilla de Magalhães Pinheiro, casada com o dr. Paulo da Silva Pinheiro e Zurlilo, já falecido. Era casado em segundas nupcias com d. Maria de Almeida Magalhães, não deixando filhos desta matrimônio. Eram seus irmãos: dr. Pedro Magalhães Junior, viúvo de dona Rosa Costa de Magalhães; sr. Audrazil de Magalhães, falecido, que foi casado com dona Meninã de Magalhães; dona Zilizia de Magalhães, casada com o sr. Jose de Assis Vasconcelos; d. Auriluci de Magalhães Eugênio, casada com o sr. Salvo Eugênio; dona Loricilda de Magalhães Rodrigues, viúva do sr. Gumercindo Rodrigues; sr. Eurico de Magalhães, falecido, que foi casado com dona Norma de Magalhães; Talcilda e Aurilia Magalhães, solteiras. Deixa ainda os seguintes netos: dr. José Tasso de Magalhães Pinheiro, casado com dona Maria da Glória Gurgel Pinheiro; dona Heloisa Pinheiro Zaratini, casada com o sr. Arlei Zaratini; Helena e Paulo de Magalhães Pinheiro, solteiros. Eram seus bisnetos: Márcia, Marcelo, Roberto e Renato. Os funerais serão realizados hoje, às nove horas, saindo o féretro do Necrotério Nossa Senhora da Boa Morte, para a necrópole local. As 8,30 horas será celebrada missa de corpo presente.



Rua "TASSO MAGALHÃES"

Decreto nº 3281, de 18 de outubro de 1968. Dá nome de "Tasso Magalhães" a uma rua do Distrito de Sousas

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições do seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25, da Lei nº 9842, de 19 de setembro de 1967 (Lei orgânica dos Municípios).

D E C R E T A:

Artº 1º - Fica denominada "TASSO DE MAGALHÃES" a via no Distrito de Sousas, que tem início na rua 2 do loteamento "Jardim Sorirama", é formada pela rua 1 do mesmo loteamento e tem seu término na mesma rua 2.

Artº 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 18 de outubro de 1968

RUY HELMEISTER NOVAIS  
Prefeito de Campinas

José Leite Carvalhaes  
Sec. Neg. Jurídicos

Publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

Salvador Scarpelli  
Chefe do Gabinete

(Extraído de "Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas", de autoria de Zuleika Godoi Gomes, edição de 1973)



## TASSO MAGALHÃES

(Sub-Prefeito - 1957)

Nascido em Campinas, a 18 de outubro de 1887, com dez anos de idade iniciou-se na carreira jornalística, como ele mesmo afirmava, ao fundar, com outros amigos, no grupo escolar "Francisco Glicério" um jornalzinho que denominou "O GRITO". Desde então exerceu as seguintes funções: reporter do "CORREIO DE CAMPINAS", redator-chefe do "JAU-MO-DEFNO" e de "O POVO", ambos de Jaú; secretário do "DIÁRIO-DO POVO" em duas temporadas e noutra, redator-chefe; foi ainda redator-chefe e fundador, juntamente com Álvaro Ribeiro, do "CORREIO POPULAR", cargo que exerceu até outubro de 1932, passando em seguida a redator proprietário do JORNAL DE HOJE, órgão de vida efêmera. Foi ainda diretor da primeira sucursal de "A GAZETA", da fundação Casper Líbero.

### Vida Política

Como político, Tasso Magalhães vivera épocas conturbadas, tendo tomado parte ativa nas revoluções de 1924 e 1932. Na primeira, quando o General Isidoro Dias Lopes, chefando o movimento revolucionário que dominava o Estado, nomeou-o secretário do governo municipal, juntamente com Álvaro Ribeiro, este como governador da cidade, e Pedro Magalhães Júnior, como delegado de Polícia.

De 1948 a 1951 foi vereador na Câmara campineira, ocupando a secretaria daquela casa.

Foi ainda Sub-prefeito de Sousas em três gestões, muito devendo esta localidade ao seu trabalho administrativo.

Exerceu ainda diversas outras funções, dentre as quais, como diretor dos "SOCORROS MUTUOS", instituição hoje pertencente à Beneficência Portuguesa, tendo sido também alto funcionário do Banco Segurança.

Participou do primeiro congresso estadual dos municípios, em 1949.

Foi colaborador de diversas revistas do Rio de Janeiro, entre as quais: "FOM-FOM" e a "SELETA", ambas já existentes e já extintas.

### Funeral

Faleceu aos 81 anos de idade na localidade de Sousas, onde residia. Seu corpo foi trasladado para o necro-

tério da Casa de Saúde Campinas, e dali, após missa, para o cemitério onde foi sepultado em jazigo.

(Extraído da "Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas" de autoria de Zuleika Godoi Gomes, edição de 1973)

## DIÁRIO DO POVO

Campinas, 18 de agosto de 1968

Tasso  
um homem  
de jornal

Homem que viveu por meio século nas lides da imprensa, Tasso Magalhães guardou como traço fundamental da personalidade o gosto pela letra de fôrma na transitoriedade do jornalismo. Não o seduziram nunca as correntes do pensamento literário, incapaz que era de escrever um verso ou construir um conto. Era jornalista, e só jornalista, no artigo de fundo, na crônica e nos sueltos, pois é do tempo em que a imprensa amava os sueltos. Não acepilhava a frase, não a brunia com verniz nem esmalte: dava-lhe o tom que nascia das impulsividades do temperamento. Ao tempo da bengala e do cravo-à-lapela, graças à indumentária, aos gestos e aos atrevimentos dos temas, era um repórter de figurino latino a espumegar, na dialética, os vinhos fervilhantes da Toscana. Não o procurassem na serenidade dos períodos medidos a compasso, com idéias adoçadas pelas reflexões longas e penosas. Fiel a si mesmo, ao travejamento da tessitura psicológica, Tasso Magalhães era um arremesso de palavras não raro aparentemente desarticuladas, mas que traíam, no fundo, o modelador de imagens feitas à sua semelhança. Nada de transparências sutis ao vergastar o adversário, numa época em que o jornalista só recebia esporas de cavaleiro após as polémicas, azedas ou cáusticas, que enterneciam os leitores desprovidos, para passatempo do espírito, das músicas do rádio e das imagens da televisão. Exigiam, em contrapartida, os adjetivos petulantes à Carlos de Laet, as estocadas de Edmundo Bittencourt, as verrinas de um jornal marrom como o "Parafuso" e os assédios subversivos de um combatente de primeira linha da estirpe de Maurício de Lacerda.

Noutro meio, por imposições do temperamento, Tasso Magalhães teria alcançado a orografia das polémicas jornalísticas. Nas suas mãos a pena tinha menelos de borduna. Mais que no artigo de jornal, era nos acasos da rua, nos encontros com o leitor no Largo do Rosário, que a sua personalidade ganhava a justa medida na exuberância da frase, na riqueza dos gestos. Paralova sobre todos os temas, jornalisticamente era um ceus no primeiro aia da Criação, com tudo por fazer e tudo por arrumar.

Guardo-lhe a lembrança dos encontros dos primeiros tempos, no sobrado da Rua Conceição, onde era um foquista a alimentar com o carvão dos seus entusiasmos a fornalha do jornal, depois que Alvaro Ribeiro desaparecera de entre os mortais. Vivia integralmente cada pensamento, despejava a alma em cada conceito, lubrificava o estilo com as paixões momentâneas da profissão. Esse o Tasso Magalhães que haveria de perdurar, que conduziu assimétrico e impetuoso, uma equipe de companheiros que lhe devem o exemplo de rigorosa fidelidade ao jornalismo.

Cronista, não o foi no sentido amavel que lhe dão agora. Transfigurava-se pela necessidade da crítica ou do comentário jocoso que porventura não comportasse nas colunas formalizadas do artigo de fundo. Era a crônica com o mólho do panfleto, uma réplica do grande Juó Bananere nas sátiras vasadas em português macarrônico. Nesse gênero, ninguém foi mais lido que Tasso Magalhães, na sua época. Danilo, o seu personagem a lançar aos ares as estridências de uma sirena pioneira, ficou emoldurado nas reminiscências dos leitores, entre as críticas que espalhava aos qua-



Homem que viveu por meio século nas lides da imprensa, Tasso Magalhães guardou como traço fundamental da personalidade o gosto pela letra de forma na transitoriedade do jornalismo. Não o seduziram nunca as correntes do pensamento literário, incapaz que era de escrever um verso ou construir um conto. Era jornalista, e só jornalista, no artigo de fundo, na crônica e nos sueltos, pois é do tempo em que a imprensa amava os sueltos. Não acepilhava a frase, não a brunia com verniz nem esmalte: dava-lhe o tom que nascia das impulsividades do temperamento. Ao tempo da bengala e do cravo à lapela, graças à indumentária, aos gestos e aos atrevimentos dos temas, era um repórter de figurino latino a espumegar, na dialética, os vinhos fervilhantes da Toscana. Não o procurassem na serenidade dos períodos medidos a compasso, com idéias adoçadas pelas reflexões longas e penosas. Fiél a si mesmo, ao travejamento da tessitura psicológica, Tasso Magalhães era um arremêso de palavras não raro aparentemente desarticuladas, mas que traíam, no fundo, o modelador de imagens feitas à sua semelhança. Nada de transparências sutis ao vergastar o adversário, numa época em que o jornalista só recebia esporas de cavaleiro após as polêmicas, azedas ou cáusticas, que enterneciam os leitores desprovidos, para passatempo do espírito, das músicas do rádio e das imagens da televisão. Exigiam, em contrapartida, os adjetivos petulantes à Carlos de Laet, as estocadas de Edmundo Bittencourt, as verrinas de um jornal marrom como o "Parafuso" e os assédios subversivos de um combatente de primeira linha da estirpe de Maurício de Lacerda.

Noutro meio, por imposições do temperamento, Tasso Magalhães teria alcançado a orografia das polêmicas jornalísticas. Nas suas mãos a pena tinha menciões de borduna. Mais que no artigo de jornal, era nos acasos da rua, nos encontros com o leitor no Largo do Rosário, que a sua personalidade ganhava a justa medida na exuberância da frase, na riqueza dos gestos. Paralava sobre todos os temas, jornalisticamente era um deus no primeiro dia da Criação, com tudo por fazer e tudo por arrumar.

Guardo-lhe a lembrança dos encontros dos primeiros tempos, no sobrado da Rua Conceição, onde era um foguista a alimentar com o carvão dos seus entusiasmos a fornalha do jornal, depois que Alvaro Ribeiro desaparecera de entre os mortais. Vivia integralmente cada pensamento, desnejava a alma em cada conceito, lubrificava o estilo com as paixões momentâneas da profissão. Esse o Tasso Magalhães que haveria de perdurar, que conduziu assimétrico e impetuoso, uma equipe de companheiros que lhe devem o exemplo de rigorosa fidelidade ao jornalismo.

Cronista, não-o foi no sentido amavel que lhe dão agora. Transfigurava-se pela necessidade da crítica ou do comentário jocoso que porventura não comportasse nas colunas formalizadas do artigo de fundo. Era a crônica com o mólho do panfleto, uma réplica do grande Juó Bananere nas sátiras vasadas em português macarrônico. Nesse gênero, ninguém foi mais lido que Tasso Magalhães, na sua época. Danilo, o seu personagem a lançar aos ares as estridências de uma sirena ploneira, ficou emoldurado nas reminiscências dos leitores, entre as críticas que espalhava aos quatro cantos da cidade. A um tempo jocoso e vingador, trônico e fustigante, esse cronista irá, com o tempo, sobressair com mais firmeza e nitidez no estudo que se fizer dessa insinuante figura do jornalista principal.

Daqui a pouco iremos levar ao Campo Santo o velho confrade que tombou, o oficial deste mesmo ofício de escrever. Mais um pouco e a sua vida será uma lápide, mas nela os que não perdem a memória não de descobrir alguma coisa mais que as informações necrológicas da existência que se apagou. Dir-se-á de Tasso Magalhães, com muito calor humano, que foi um esplêndido lutador da imprensa — pela cidade e pelo povo.

